



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

VANESSA FERREIRA DO NASCIMENTO

LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: uma
experiência com crianças do Infantil IV.

JOÃO PESSOA
2019

VANESSA FERREIRA DO NASCIMENTO

**LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: uma
experiência com crianças do Infantil IV.**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Claurênia Abreu de Andrade Silveira.

**JOÃO PESSOA
2019**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

N2441 Nascimento, Vanessa Ferreira do.
LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
uma experiência com crianças do Infantil IV / Vanessa
Ferreira do Nascimento. - João Pessoa, 2019.
47 f. : il.

Orientação: Maria Claurênia Abreu de Andrade Silveira.
Monografia (Graduação) - UFPE/CE.

1. Educação Infantil. 2. Leitura e Contação de
Histórias. 3. Oficinas Pedagógicas. I. Silveira, Maria
Claurênia Abreu de Andrade. II. Título.

UFPE/BC

VANESSA FERREIRA DO NASCIMENTO

**LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: uma
experiência com crianças do Infantil IV.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para o título de Pedagoga,
pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus I de João Pessoa com nota
9.0.

Aprovado em 30 / 09 / 2019

BANCA EXAMINADORA

Maria Claurênia Abreu de Andrade Silveira
Prof^a. Dra. Maria Claurênia Abreu de Andrade Silveira
UFPB/ DME/ CE
(Orientadora)

Isolda Ayres Viana Ramos
Prof^a. M^e. Isolda Ayres Viana Ramos
UFPB/ DME/ CE
(Banca Examinadora)

Marineuma de Oliveira Costa Cavalcanti
Prof^a. Dra. Marineuma de Oliveira Costa Cavalcanti
(UFPB/ DME/ CE)
(Banca Examinadora)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha filha, Maria Lis, que no final da minha trajetória acadêmica da graduação veio para somar e abrilhantar minha vida, me dando forças para continuar e vencer cada etapa que me foi imposta. Com sua chegada, me vi cheia de responsabilidades. Muitas vezes chorei, por me sentir superlotada de afazeres, e pensar que não iria dar conta tanto da Universidade, quanto de cuidar dela, sem contar que passar o dia longe dela, para estar no âmbito acadêmico, foi bastante difícil.

Várias vezes me vi triste, mas ao pensar que essa minha vitória seria não só para mim, mas para ela também, me enchi de forças e isso me fez sempre olhar para frente. Com ela, praticarei o que aprendi na minha trajetória acadêmica, para que cresça uma menina estudiosa e bastante desenvolvida, para que no futuro venha a ser excelente profissional na área que escolher. Tornou-se minha razão de viver. Deus me deu de presente, para que eu me tornasse uma pessoa melhor a cada dia.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus. Na procura do meu ideal, sua presença incondicional me fez substituir, aos poucos, a incerteza pela segurança, o medo pela vitória. Com isso fui me tornando uma mulher forte. Ele deu-me sabedoria para aprender a discernir, coragem para lutar e perseverança para vencer. Muitas vezes chorei e pensei em desistir, mas em todos os momentos ele me acompanhou. Senhor, te agradeço por tanto amor, compreensão e proteção. Além das bênçãos já derramadas no decorrer dos quatro anos, quero te entregar minha vida para os próximos passos que eu venha dar.

Aos meus Pais. A vocês devo tudo que sou hoje. Nos ensinamentos da vida foram mestres, em minha caminhada me ensinaram a sempre agir com honestidade, respeito e dignidade. E diante de seus exemplos, aprendi a ser perseverante e justa, pois com carinho, amor e dedicação cresci, sempre recebendo apoio, enfrentando as lutas e obstáculos. Diante disso, pude amadurecer. Acreditaram em mim e no meu potencial e hoje sou fruto dessa confiança.

Em especial minha mãe, Valéria da Nóbrega que foi a mais importante nessa trajetória, minha incentivadora a cursar Pedagogia, quem verificou na internet se eu tinha passado e a pessoa que mais festejou meu ingresso na Universidade Federal da Paraíba. Com ela aprendi que somos não o que temos, mas o que somos por dentro. Nosso caráter é um ponto chave, para prosperar na vida de forma justa.

Meu Pai, Valmir Ferreira, um exemplo, para mim, a ser seguido, homem batalhador, que conquistou tudo com seu esforço. Com ele aprendi uma lição: que sonhar todo mundo pode, mas realizar é só para quem se dispõe a lutar. Hoje posso dar esse orgulho aos meus pais que tanto amo, pois cumpri uma etapa importantíssima e uma nova fase se inicia.

Em especial ao meu companheiro, Ítalo Redulen, que nos meus momentos de estresse, relevou com consideração e carinho. Ajudando-me a cuidar da nossa filha, ficando com ela para que eu pudesse dormir mais cedo e ter um bom rendimento no dia seguinte, e para que eu conseguisse concluir este trabalho de conclusão de curso. A você, meu amor, que comigo divide uma vida,

problemas, felicidades, dias bons e ruins, incertezas, certezas e sonhos que já realizamos e os que um dia ainda realizaremos, fica a minha gratidão e meu amor, evidenciando-o como uma das pessoas que teve grande importância para que hoje eu pudesse vivenciar esse sonho que é me formar.

Aos demais que por laços sanguíneos ou por laços de amor, onde obtenho carinho e apego. Evidencio minha irmã, Valnir Ferreira, minhas primas Amanda Nóbrega e Juliana Maria, minha amiga Mirian de Melo, bem como toda minha família que sempre esteve presente nos momentos mais difíceis desta caminhada, quando os obstáculos advindos da caminhada pareciam intransponíveis, que sofreram minha ausência quando o dever e o estudo me chamaram e compreenderam a minha falta de tempo, minha tensão durante as provas, meu nervosismo. Na validade de minha luta, nos méritos de minhas conquistas, há muito da presença de vocês. As homenagens deste dia também são suas.

Aos amigos do curso, vivemos intensamente tudo, pois houve choros e sorrisos, estresse e paciência, harmonia e desentendimento, altos e baixos, otimismo e pessimismo. Mas tudo isso serviu para nos superarmos e engrandecermos, tornar-nos mais fortes, preparados e otimistas para continuar na caminhada. Evidenciando aqui as pessoas que deixaram de ser só amigas de universidade, tornando-se amigas para a vida, como: Ana Paula Santos, Aldenice Alves, Cleoneide Rocha, Edilene Firmino, Patrícia Alves, Juliane Gomes e Andréia Oliveira. A vocês que, nos momentos de sufoco, foi a quem recorri e sempre obtive ajuda, minha eterna gratidão.

A minha orientadora, Maria Claurênia Abreu de Andrade Silveira, por quem tenho tanta admiração e carinho, a quem escolhi depois de ter cursado a disciplina de Língua e Literatura e me apaixonar mais ainda pela contação de história. Por toda atenção e disponibilidade em me ajudar, entendendo sempre a correria da minha vida e, diante das minhas dificuldades, me mostrando o caminho a ser seguido, vencendo cada empecilho, fazendo com que meu trabalho ficasse excelente, levando-me a um resultado satisfatório. Minha sincera gratidão por ser tão paciente para comigo, quando eu estava tão aflita. Saiba que levarei seus ensinamentos para onde for, e sua pessoa em meu coração.

*Ensinar não é transferir conhecimento,
mas criar as possibilidades para a sua
própria produção ou a sua construção.*
(Paulo Freire)

RESUMO

Este trabalho de Conclusão de Curso (TCC) aborda a temática Leitura e Contação de História, no âmbito da Educação Infantil. Tem por objetivo realizar atividades de contação de histórias, com crianças, na EEBAS, avaliando as possibilidades que a contação de histórias oferece no âmbito da Educação Infantil. Trata-se de uma pesquisa-ação, apoiada por bibliografia específica, complementada por ações leitoras com as crianças participantes de atividades de leitura e contação de histórias. Essas ações realizadas no campo de pesquisa foram registradas, analisadas e apresentadas em um relato dessa experiência vivida durante a participação no Programa Residência Pedagógica, em uma turma do Infantil IV, na Escola de Educação Básica da Universidade Federal da Paraíba – UFPB Campus I. As principais fontes teóricas utilizadas foram: Bakhtin (1997), Bettelheim (2002), Cavalcanti (2002), Cadermatori (2010), Silva (2002), Gil (2008), Koch (2001), Silva (2009), Silva (2015), além do documento institucional intitulado Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O estudo realizado conclui que realizar atividades planejadas de leitura e contação de histórias no âmbito da Educação infantil contribui para o desenvolvimento da criança, uma vez que torna o aprendizado mais significativo, considerando as reações das crianças durante a pesquisa, demonstrando autonomia crescente, na participação nas ações leitoras realizadas no período da pesquisa aqui mencionada.

Palavras-chave: Educação Infantil. Leitura e Contação de Histórias. Oficinas Pedagógicas.

ABSTRACT

This Course Conclusion work (TCC) addresses the thematic Reading and Storytelling, in the environment of Childhood Education. It has as aim to perform storytelling activities with children in EEBAS, to evaluate as possibilities of storytelling offered in the scope of Early Childhood Education. One treat of a research action, supported by the specific bibliography, complemented by readers' actions with participants children in the reading and story activities. Those actions realized in the research field were recorded, analyzed and reproduced in an experience lived during the participation in the Pedagogical Residency Program, in a class of IV Kindergarten, at the School of Basic Education of the Federal University of Paraíba - UFPB Campus I. The main theoretical sources used were : Bakhtin (1997), Bettelheim (2002), Cavalcanti (2002), Cadermatori (2010), Silva (2002), Gil (2008), Koch (2001), Silva (2009), Silva (2015), in addition to the institutional document entitled Common Curriculum National Base (BNCC). The executed study concludes that performing planned reading and storytelling activities in the scope of early childhood education contributes to the child's development, once that turns the learning more meaningful, considering children's assessments during a research, demonstrating the accomplishment continuous in participation in the reading actions carried out during the research period mentioned here.

Keywords: Early Childhood Education. Reading and Storytelling. Pedagogical Workshops.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01- Fábula a Cigarra e a Formiga

Figura 02- Momento de recontar a história fábula a Cigarra e a Formiga

Figura 03- Momento de recontar a história fábula a Cigarra e a Formiga

Figura 04- Capa do livro Chapeuzinho Vermelho.

Figura 05- Momento da contação Chapeuzinho Vermelho

Figura 06- Capa do livro A Lebre e a Tartaruga

Figura 07- Momento contação de história A Lebre e a Tartaruga

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	12
2.CONTAÇÃO DE HISTÓRIA	15
2.1 TÉCNICAS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIA	17
2.2 LITERATURA INFANTIL	19
2.3 CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NO COTIDIANO ESCOLAR	22
2.4 MEDIAÇÃO DE LEITURA: Ler literatura como fonte de narrativas	24
2.5 INCENTIVO AO LEITOR	28
3. MEDIAÇÃO DE LEITURA NO INFANTIL IV	31
3.1 A ESCOLA CAMPO: Espaço de acolhida das Leituras/contações de histórias	31
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	46

1. INTRODUÇÃO

A contação de história no âmbito da Educação Infantil é de suma importância, pois, é de pequena que se estimula a criança para que ela se torne um leitor, dessa forma oferecendo a criança uma aprendizagem diferenciada, onde o gosto pelo livro se torna evidente, proporcionando conhecimento, desenvolvendo o imaginário, e criando gosto pela leitura. Busca-se colaborar com a criança para que venha a se tornar uma pessoa com autonomia, que saiba se expressar e ajudando na formação de sua identidade.

Aprofundar os estudos sobre a contação de história foi um estímulo que iniciou desde a minha infância, quando ganhava gibis de uma vizinha, e isso só aumentou quando ingressei na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no curso de Licenciatura em Pedagogia, por meio de experiências vividas nos estágios curriculares obrigatórios, em que todas as regências eu levei de alguma forma a contação de história e a leitura de algum livro. Porém, só após começar cursar a disciplina Língua e Literatura, com a professora Claurênia Silveira, pude me deleitar sobre o assunto de maneira mais profunda, aprender e me aperfeiçoar mais, para que assim, aos poucos, eu me tornasse uma contadora de histórias.

Fui colocando a contação de histórias em prática pelo programa Residência Pedagógica, uma vez que estava diretamente em sala de aula, nesse caso, na Escola de Educação Básica (EEBAS), no âmbito da própria Universidade Federal da Paraíba, localizada no bairro Castelo Branco. O engajamento nesse programa me incentivou a estudar mais sobre a temática, fazendo com que meus conhecimentos fossem ampliados, pois não há nada melhor do que fazer o que se ama. Por isso, pretendo ser uma contadora de histórias para a minha filha, para que assim ela aprenda o verdadeiro sentido de ouvir e contar, fazendo com que ela se desenvolva melhor, e obtenha gosto pela leitura. Desse modo, a partir das minhas motivações, escolhi trabalhar a contação como tema para o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Sendo a leitura um meio importante para o nosso cotidiano e a nossa vida, e identificando que há várias formas de se ler/contar uma história, podemos instigar desde cedo o gosto da criança pela leitura, fazendo com que a mesma se torne um ser autônomo, que se expresse bem, tenha uma boa desenvoltura e

saiba que o mundo do imaginar também pode ser uma viagem interessante, pois ler nos leva a lugares e nos faz ter um conhecimento nosso, no qual ninguém jamais poderá interferir ou retirar de nós.

Dessa forma, a pretensão desse estudo é responder ao seguinte questionamento: Quais as possibilidades que a contação de história pode oferecer para o ensino-aprendizagem na Educação Infantil? Sendo considerada a leitura e a contação como um aspecto que contribui, de forma significativa, para o desenvolvimento dos alunos, tanto na aprendizagem, como no seu desenvolvimento intelectual.

Com o intuito de responder à questão apresentada, propõe-se como objetivo geral:

- Realizar atividades de contação de histórias, com crianças, na EEBAS, avaliando as possibilidades que a contação de histórias oferece no âmbito da Educação Infantil.

Para atingir esse objetivo geral, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- Discutir sobre o papel da Literatura Infantil no contexto escolar.
- Apresentar a contação de histórias como contribuição na Educação Infantil.
- Relatar a experiência realizada na Escola de Educação Básica (EEBAS).

A partir dos procedimentos de realização da coleta de dados, foi por pesquisa-ação que exigiu, segundo Gil (2008, p.55) “o envolvimento ativo do pesquisador e a ação por parte das pessoas ou grupos envolvidos no problema, a pesquisa-ação tende a ser vista em certos meios como desprovida da objetividade que deve caracterizar os procedimentos científicos”.

Em conformidade com o autor, utilizei realizar a análise do relato da minha experiência a partir das ações que propus a este trabalho, com a leitura e a contação de história. E Bibliográfica, que de acordo com Gil (2008) a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Também inclui o relato de experiência que ocorreu na Escola de Educação Básica (EEBAS), na UFPB, na

cidade de João Pessoa (PB), que me fez refletir sobre as práticas na Educação Infantil sobre a contação de história e a literatura.

Dessa forma, o presente trabalho inicialmente dissertará a respeito da Contação de História, trazendo a Literatura Infantil e as Técnicas para Contação, de acordo com autores que abordam essa temática. Em seguida, será apresentado o campo de estudos da Contação de História no Cotidiano Escolar, evidenciando também a Mediação de Leitura e o Incentivo ao leitor. Posteriormente, será exposto o relato de experiência realizado durante o programa da Residência Pedagógica. A título de conclusão, consta o aqui designado como considerações finais.

2. CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

Neste capítulo abordaremos um estudo fundamentado sobre a Contação de História, técnicas para Contação de História e Literatura Infantil. Para iniciar esse enfoque, apresenta-se uma abordagem histórica dessa relação de quem conta com quem ouve as narrativas. O ato de contar/ouvir histórias acompanha os seres humanos desde os tempos imemoriais. Ao longo da história da humanidade, os indivíduos sempre compartilharam da atividade de contação de história. “O homem é por natureza e essência sujeito da narrativa, portanto um contador de histórias” (CAVALCANTI, 2002, p.63). Os indivíduos compartilham narrativas, ao longo da história, ou seja, por meio delas que interagem no seu meio social.

Segundo Cavalcanti (2002), no momento em que os homens têm o contato com a linguagem tudo se transforma em palavras, que serão utilizadas em uma interação de comunicação em que os homens vão ditando a história de si mesmo e do ambiente onde está situado.

Nessa relação de interação, pode-se afirmar que todos os campos das atividades humanas dependem da linguagem, e de acordo com Bakhtin (1997, p. 261):

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados *(orais e escritos) concretos e único, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana.

Nesse sentido, quaisquer que sejam as formas de comunicação na história, sempre houve a interação entre a linguagem e as atividades que os homens realizam no seu meio tanto para sua própria sobrevivência, bem como transformação da sua própria história. Bakhtin (1997) menciona que a língua se efetua em forma de enunciados, no caso, a contação explícita em um valor cultural oral.

A contação de história é uma tradição antiquíssima, em que, a princípio, todas as informações eram transmitidas oralmente por meio da palavra que

recriava a narrativa. No que se refere à oralidade, essa pode ser considerada uma das primeiras formas de comunicação na humanidade, pois a invenção da escrita ocorreu somente por volta 2.500 a.C, com os egípcios.

Cavalcanti (2002), afirma que o percurso histórico dos contadores de história é longo, e a maioria dos contos nasceu do meio do povo. Sendo assim, a tradição do contar, as formas como se estabeleceu a contação de histórias, como surgiu essa interação que contar e ouvir histórias realiza está associada à produção de trabalho, atitudes relacionadas ao sagrado e profano nas práticas ritualísticas, bem como às práticas socioagrárias. Consequentemente, é por meio dos contos que alimentamos muitas formas de sonhos e superação dos conflitos do espírito e do corpo, por isso sua relação com as práticas culturais e sociais.

Os indivíduos sempre se utilizaram das narrativas para se organizarem em sociedade. Cavalcanti (2002) aborda o conto como ensinamento e escola, pois nas narrativas estão contidas várias formas de moldar os comportamentos humanos e os hábitos. Com a contação de história, geralmente os contadores vão narrando os fatos de geração a geração. Conforme Cavalcanti (2002), ao mencionar que tudo que permanentemente é transformado em palavras também tem o poder de ressignificar a realidade, no que condiz a tudo que nos traz um sentido para a vida.

Assim, os contos servem para nos aproximar dos nossos “dramas existenciais, como também nos propõem que pode ser diferente se assim formos buscar a mudança transgredindo regras e acreditando na vitória” (CAVALCANTI, 2002, p. 65). Dessa forma, os contos também servem para que possamos nos situar em diversos contextos da trama existencial, e quando os indivíduos tomam consciência de algo na realidade, sabem que podem mudar transgredindo algo que não lhe cabe mais no seu ponto de vista.

Pelas narrativas o contador vai recriando com as suas palavras, e assim o ouvinte, ao ouvir as narrativas, vai moldando seus comportamentos, porém pode tanto se identificar positivamente ou negativamente com o fato para ocorrer uma mudança significativa. Em que muitas de nossas formas de agir e se comportar foram ditadas pelas narrativas, o que diferenciamos entre o bem e o mal, certo e errado, entre outras formas de condutas e costumes.

De acordo com Cavalcanti (2002), os possuidores das palavras, mas em especial, os que sabem da arte de conduzi-la dominam um poder sobre os demais nas sociedades.

2.1 TÉCNICAS PARA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

Os bons contadores de história são os possuidores da palavra sagrada, ou seja, têm o domínio da arte da palavra, “que aprisiona, impressiona, descobre e encanta, enquanto outros vão contar suas histórias, mas sem o manto da magia que recobre os verdadeiros contadores de história”. (CAVALCANTI, 2002, p.64).

Ao contar a história, o contador precisa despertar reações nos ouvintes, utilizar estratégias para que o ouvinte seja incentivada a desenvolver a imaginação. No que se refere à criança que ouve e conta histórias, envolvida pelas formas de contar e dizer de si mesma e dos personagens que vem a conhecer, esta saberá diferenciar seus dramas, dentre eles os medos e os sonhos.

Ainda não há fórmulas mágicas ou técnicas mirabolantes, no momento de contar história. O que se exige é que “os temas devem ser selecionados de modo a corresponder às expectativas dos pequenos, ao mesmo tempo em que o foco narrativo deve permitir a superação delas” (CADERMATORI, 2010, p.16).

Dessa forma, o texto para a criança deve ser aquele que faz sentido para ela. Segundo Koch (2001), geralmente é a partir de um texto que se constrói o sentido, e que uma mesma informação dada em um texto terá construção de sentidos diferentes para cada leitor.

Cadernatori (2010) menciona a importância e os cuidados com a escolha das narrativas de acordo com a idade das crianças. Outro detalhe técnico é que o contador de história leve em consideração a possibilidade de proporcionar a magia para o ouvinte. Escolher textos literários de boa qualidade, contar considerando quem ouve e deseja ver as ilustrações do livro que está sendo lido, cuidar da voz (tom e timbre), estabelecer pausas na leitura ou na contação

da história são aspectos que precisam ser cuidados, para favorecer uma leitura/contação envolvente e motivadora para o ouvinte/leitor.

O que diferencia um bom contador de história também está relacionado com o seu envolvimento íntimo com a história, ser um bom apreciador e leitor ativo, além das preocupações com entonações na voz, bem como o ambiente adaptado. Ler muitas histórias, ouvir pessoas contando (se tem oportunidade) favorece ampliar o repertório de textos. Buscar sempre estar em contato com novas narrativas favorece ao contador dispor de material para diversificar as contações.

Ao contar a história também é necessário planejar como fazer para despertar reações nas crianças, utilizar estratégias para que a criança receba a história e busque imaginar o que está sendo contado. Quanto mais estimulada a imaginar o que está sendo narrado, melhor será para o desenvolvimento do seu pensamento, e, conseqüentemente, a criança saberá diferenciar o que é da história e parece com seus medos e sonhos. A imaginação que a história contada provoca na criança lhe disponibiliza um escudo de proteção contra seus receios e sofrimentos. Para a criança, ouvir histórias é fortalecer-se como pessoa.

No ato de preparar a contação, escolher o que contar e planejar contar uma história, nesse envolvimento do mediador de leitura/contador de histórias já reside uma série de aspectos técnicos que vêm proporcionar uma relação mais profunda com aqueles ouvintes para quem a história está sendo preparada. Ao contar histórias, também é preciso levar em consideração o domínio da história como os recursos escolhidos serão utilizados, e, principalmente, considerar os cuidados necessários com a movimentação, caso venha utilizar objetos.

Nesse caso, deve-se utilizar de técnicas com recursos ilustrativos, como brinquedos, roupas, bonecos animais e outros. E os cuidados devem ser redobrados, pois, no ato de estar contando a história, às vezes, quando a contação não foi planejada, os movimentos ao manusear esses objetos acabam que ficando em desarmonia com a sequência do som da voz.

Esses cuidados são técnicas para conquistar as crianças, uma vez que quanto mais pequeninas mais dificuldades têm de atenção, ou seja, de ficarem

por muito tempo concentradas. Contar a história sempre de frente, principalmente manter o olhar na mesma altura das crianças.

Outro detalhe das técnicas para se contar histórias, no mínimo a leitura deve exercer a sua função social. Quando realizada de forma crítica, ela tem o poder de alterar os indivíduos em torna-los mais conscientes de sua realidade.

2.2 LITERATURA INFANTIL

A princípio, a origem histórica da literatura infantil surgiu no século XVII com Fenélon (1651-1715), cuja intenção era educar moralmente as crianças. Outro autor, Perrault, em 1657, também trouxe contos e histórias de cunho moralistas, como: Chapeuzinho Vermelho, A Gata Borralheira, A Bela Adormecida no bosque, O gato de Botas e outros. A literatura infantil surge inicialmente com essa intencionalidade: a de educar moralmente, ou seja, moldar os comportamentos infantis (Silva, 2009). Nesse contexto, Cavalcanti reconhece a literatura como:

Um motor de transformação pessoal e coletiva, logo um valioso dispositivo de mudança que deve ser contatado desde os primeiros tempos de vida, visto que é narrativa, é história e por isso, devir. Portanto, a leitura do texto literário constrói a visão de mundo porque nos afeta propondo em reparo ao comportamento humano, conforta-nos com a possibilidade de tornamo-nos alguém em busca de melhoria, mesmo reconhecendo que somos seres precário. (CAVALCANTI, 2015, p.20)

Diante dessa premissa, a literatura infantil surgiu como uma forma de educar comportamentos infantis, com isso considerada a época como um motor de transformação pessoal e coletiva. Sendo assim, o texto literário é um atrativo ao reconhecimento da história narrada de si mesmo, bem como do outro.

A literatura exige que o leitor busque sentido, ou seja, o ouvinte vai captar as informações narradas e, conseqüentemente, vai imaginar quem são os personagens, onde foi que a história aconteceu, mas cada ouvinte ouvirá a história do seu jeito que é único.

Esse momento vai “ampliando-se no exercício cognitivo de imaginar, associar relacionar e, também, experimentar processos de identificação com os outros que habitam na ficção” (CAVALCANTI, 2015, p. 19). É por meio da busca de sentido que ocorre a ampliação do exercício cognitivo e social, em que todas as representações simbólicas. A literatura surge como uma dimensão da capacidade humana de sentir a realidade.

De acordo com Cavalcanti (2015), entre todas as representações simbólicas, a literatura amplia a leitura de outras formas de códigos, possibilitando-nos a compreensão e interpretação do mundo, por isso o texto literário predispõe num benéfico instrumento de reflexão em tudo sobre a realidade.

Bettelheim (2002) menciona que os contos de fada, por exemplo, são benéficos às crianças pois à medida que ela vai se desenvolvendo, deve aprender, passo a passo a compreender-se melhor, conseqüentemente também entender o outro sobre o que acontece consigo mesma e como resolver certos conflitos de forma significativa. Sendo assim, é preciso proporcionar às crianças esse contato com os contos, cuja intenção consiste em desenvolver seus sentimentos mais profundos, como lidar com as emoções, por conseguinte resolver suas aflições. Mas, de acordo com Bettelheim (2002, p.34):

Hoje em dia, muitas de nossas crianças são ainda mais cruelmente destituídas, porque são de todo privadas da oportunidade de conhecer os contos de fadas. A maioria das crianças de agora conhece os contos de fadas apenas em versões enfeitadas e simplificadas, que lhes abrandam o sentido e lhes roubam todo significado mais profundo - versões como as dos filmes e espetáculos de TV, nas quais os contos de fadas são transformados em diversões tolas.

Nessa conjuntura, atualmente, os contos de fadas acabam roubando os verdadeiros significados das versões tradicionais, e agem de forma como se roubassem a concentração e atenção das crianças, em relação ao conteúdo da ‘verdadeira’ história. Os contos dialogam com o íntimo da criança, e assim ela saber lidar com os conflitos internos. Assim, agem de uma maneira mais lúdica para que o processo de desenvolvimento da criança seja mais agradável.

A família tem um papel fundamental quando exerce a função de ser os primeiros mediadores de contação de histórias. A criança, ao ver seus pais

narrando, é como se fosse um momento de aprovação dos conteúdos explícitos na história.

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança (BETTELHEIM, 2002, p.20)

Dessa forma, os contos de fadas contribuem, de diversas formas, para o desenvolvimento consciente dos modos de comportamentos da criança, e enriquece a formação da sua personalidade.

No Brasil, em 1986, ocorreu uma iniciativa firmando os laços entre literatura infantil e educação, nessa ação foram distribuídos pelo Ministério da Educação – MEC livros literários nas escolas, em que, de acordo com Cadermatori (2010, p. 7):

O gênero literário endereçado às crianças conquistava, gradualmente, espaço nas discussões universitárias congregando estudiosos em instituições dedicadas ao tema. A literatura infantil deixava seu lugar à margem para ser apreciada em suas peculiaridades.

Nessa iniciativa em que a literatura conquistou espaço, também se criou uma relação em duplicidade, sendo a presença da literatura nas escolas para incentivar a leitura de textos e a produção de livros desse segmento, em mais larga escala e enviados às escolas para favorecer um acervo a ser lido por professores e alunos. Buscava-se investir na leitura de obras literárias desde a infância.

A literatura nessa época propagou-se através do patrocínio estatal. Nessa conjuntura, consolidou-se o mercado do livro infantil, que, no século XX, também pode ser identificado pela “internalização do gênero, resultado da globalização dos mercados” (CADERMATORI, 2010, p.15).

A escola valorizou a literatura infantil, por ter visto nela um “instrumento do ensino da língua, modo de ampliar o domínio verbal dos alunos.” (CADERMATORI, 2010, p.8). Nessa perspectiva, a literatura, além de ser um meio de transmissor de informações, também está associada e reconhecida pela

importância na formação de leitores críticos. No próximo capítulo discutirei sobre a contação de história no cotidiano escolar.

2.3 CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NO COTIDIANO ESCOLAR

A escola com suas particularidades tornou-se uma das principais motivadoras e disseminadoras da contação de história, antes, restrita a uma educação familiar, oralizada por meio de contação de literaturas, ou pelas experiências pessoais. Na contemporaneidade, o professor assume o papel de contador, utilizando esse gênero textual no processo de ensino e aprendizagem (SILVA, 2015).

O professor utiliza métodos e estratégias, além de uma didática para viabilizar que o aluno possa ser desejante do aprender, pois, ele é o protagonista no processo de ensino e de aprendizagem. Uma das estratégias utilizadas na educação infantil pelos professores, para que os alunos aprendam, os signos e símbolos, é a contação de história através da literatura infantil.

O cotidiano escolar viabiliza o professor utilizar essa ferramenta de ensino, para que o aluno possa se desenvolver cognitivamente de forma prazerosa, contribuindo para sua evolução no processo de aprendizagem, tanto escolar, quanto para a vida. Para Silva (2015, p. 18):

O ouvir ou ler uma história envolvente possibilita aos pequenos leitores e ouvintes não apenas o desenvolvimento da imaginação e da criatividade, mas sobretudo, a vivência de personagens e a elaboração de possíveis conflitos internos, tão presentes e característicos dessa faixa etária.

Dessa forma, a contação segue uma estrutura, que não é apenas o professor ler para os alunos, mas seguir toda uma trajetória, que inicia com a escolha dos livros, e em seguida, o planejamento da aula com seus objetivos a serem alcançados. Após essa etapa, ele deve se apropriar da contação, pois, caso ele não se aproprie, tanto poderá esquecer fatos relevantes, quanto não conseguir a atenção dos alunos, além de não alcançar os objetivos da aula.

Diante dessa abordagem, o professor não pode utilizar de improviso para a contação de história, pois, para seu sucesso, Silva (2002) enfatiza que alguns fatores são imprescindíveis, tais como: seleção inicial (faixa etária, condições socioeconômicas, interesse do ouvinte, ponto de vista literário), elaboração de um plano, um roteiro, adaptação verbal.

Na rotina escolar, diante das necessidades dos alunos, o professor deve ter o conhecimento da história que deve ser contada, e que pode utilizá-la até mesmo em uma sequência didática para trabalhar a interdisciplinaridade. Na educação infantil a contação de história pode transitar tanto na matemática, apresentando os números aos alunos, quanto o meio ambiente, entre tantas possibilidades.

Um ambiente escolar que o professor pode utilizar como espaço motivador para estimular o aluno na leitura é a biblioteca escolar. Local pouco visitado por eles, mas rico em conhecimento a ser descoberto. Para Silva (2015, p. 12) Ela é um “espaço difusor e disseminador de cultura literária da multiplicação dos contadores de histórias a partir de sua criação na educação formal”.

Para Ferreira e Montoyama (2015) o ambiente da contação deve ser organizado de forma que o professor se coloque diante dos alunos, na mesma altura, para que a interação possa acontecer através do contato visual do contador no momento da narrativa, e dessa forma perceber as emoções dos seus ouvintes e, conduzi-los definitivamente para dentro da história.

Percebe-se que a escola pode corroborar para que os alunos possam se apropriar desse espaço, e tornarem-se futuros leitores. Criando estratégias pedagógicas para atraí-los. O professor, tem um papel relevante na mediação do aluno com o universo da leitura, fomentando-os ao encontro dos saberes escolares para uma aprendizagem significativa.

As idas e vindas do aluno no cotidiano escolar, na qual ele passa uma boa parte da vida se desenvolvendo cognitivamente e emocionalmente, a contação de história pode corroborar para que esse aluno se perceba como leitor e possa no cotidiano da escola alargar seu conhecimento através da literatura infantil.

Portanto, o professor será o mediador na contação de história na educação infantil, possibilitando o ingresso do aluno no mundo literário, além da imersão dele no código linguístico. Sendo pertinente ter conhecimento da práxis pedagógica, tanto para compreender o universo infantil, quanto na mediação da leitura.

2.4 MEDIAÇÃO DE LEITURA: ler literatura como fonte de narrativas

O professor deve ter o conhecimento das especificidades do aluno que tem em sala de aula, para que saiba escolher os textos e as atividades que despertem nele o gosto e o sentido de estar na escola, sentindo necessidade de se apropriar do conhecimento. O papel de mediação pelo professor é relevante para que o aluno se desenvolva de forma salutar e possa compreender a relevância do processo educacional em que está imerso.

Na educação infantil, de acordo com Brandão e Rosa (2011, p. 42), faz-se necessário que a professora “enquanto leitora mais experiente e mediadora entre as crianças e os textos, tenha a preocupação de não apenas escolher boas histórias, mas também de encaminhar uma boa conversa em torno desses textos”.

Esse ambiente propício criado pela professora incentiva as crianças a expor suas opiniões e desperta a sua autonomia para decidirem sobre a história que poderá ser contada ou mesmo recontada por eles. Cria-se então um espaço de confiança, na qual as crianças podem interagir, sem medo de errar, sabendo que podem opinar, expandindo seus conhecimentos e apreendendo novos.

Para Brandão e Rosa (2011), a professora na educação infantil, no momento que em suas aulas traz a leitura e/ou a contação, contribui para o desenvolvimento da linguagem, e permite a socialização das crianças com seus pares, até mesmo na relação com o (a) professor (a), possibilitando que elas aluno ampliem seu repertório linguístico e de experiências, além da sua competência sócio comunicativa. Dessa forma, as autoras explicitam que a criança desenvolverá a capacidade de ouvir desenvolvendo o seu potencial de ser capaz de falar, numa interação proporcionada pela contação de história e da mediação do (a) professor (a), no ambiente educacional.

Nessa perspectiva, a contação de história é uma ferramenta imprescindível para o professor trabalhar em sala de aula, pois ela colabora para que as crianças, desde a infância, se tornem pessoas autônomas, capazes de se expressarem, também em público, e lhes oferece subsídios para se tornarem leitores habituais. E uma das estratégias utilizadas pelo docente, para favorecer esse encontro das crianças com os textos, são as rodas de conversa, onde são colocadas as propostas de leitura.

A intencionalidade da professora nessas rodas de leitura é com a aprendizagem do aluno, mediando uma construção referencial das crianças para que construam sentidos e significados desses saberes escolares, e da socialização entre eles e seus pares, ajudando a desenvolver a linguagem oral, auxiliando também na desenvoltura da linguagem escrita. Para Brandão e Rosa, (2011, p. 48-49):

A roda de história no contexto das salas de educação infantil deve se constituir em uma ação planejada e dirigida com intencionalidade pedagógica pela professora, que seleciona previamente a história, pensa na melhor estratégia para apresentá-la ao grupo, formula perguntas, dá informações complementares, sugere atividades que podem ser integradas e complementam a leitura ou contação. Em segundo lugar, consideramos que as crianças a participarem da roda de histórias em instituições educativas podem, sim, aprender coisas, sem que isso as distancie de uma experiência lúdica e agradável e sem cair num modelo reducionista, que subordina qualquer ação pedagógica a uma função pragmática, utilitarista ou conteudista.

Essa abordagem dialogada proposta pelas autoras enfatiza que o planejamento é relevante na elaboração das aulas, e nessas rodas de histórias não é diferente. Planejar a atividade é relevante para se obter sucesso na contação, pois não havendo planejamento, não se traçam objetivos a serem alcançados, deixando a atividade à deriva do acaso, podendo ocasionar a dispersão dos alunos, além da professora não desenvolver corretamente o conteúdo que poderia abordar.

Para Silva (2015, p.12), “a narração é uma forma de vivência artística plena que podemos oferecer às crianças, precisando apenas de nossa voz e muito empenho, posto que a habilidade de contar história não nasce conosco”. Para bem planejar a contação, o (a) professor (a) tem que, antes mesmo de

narrar aos alunos, estudar o texto e as possibilidades que este pode proporcionar, além de uma oralização adequada à emoção que o texto pode sugerir que conduza o aluno a se envolver com a contação.

Nessa perspectiva, Silva (2015) explicita que, no momento da contação de história, as experiências pessoais vêm à tona, pois a subjetividade não se dissocia da objetividade. O contador não apenas usa a cognição no momento do conto, mas suas emoções. Nesse sentido, sua trajetória humana vai influenciar no estilo da contação.

Nessa abordagem, verifica-se que as finalidades nas rodas de histórias são diversas. A professora pode fazer a contação junto com os alunos, algo que todos gostam, estreitar vínculos, trabalhar com as crianças o sentido de coletividade, e discutir eixos que sejam pertinentes pelas necessidades identificadas por ela (BRANDÃO e Rosa, 2011). Dessa forma, percebe-se a relevância do mediador na contação de história, uma responsabilidade na educação infantil que o professor deve ter, para conduzir as crianças, através das histórias que se articulam com a vida delas e, que as atraia pela identificação delas com os textos literários escolhidos para compor a proposta planejada.

Para a mediação de leitura ocorrer de forma planejada, é necessário conhecer os indicadores que possibilitam a escolha de qual texto/livro se deva utilizar. Essa qualidade literária traz elementos que precisam ser verificados como: se o assunto é interessante, se existem riquezas na imaginação, se o texto e a ilustração conseguem agradar as crianças, se tem uma linguagem correta, adequada, e se possui um efeito estético (Silva, 2002).

A contação de história na educação infantil, de acordo com Silva (2002, p. 15) deve seguir alguns critérios, “sendo assimilado de acordo com o desenvolvimento da criança, e por um sistema muito mais delicado e especial. Ela traz um exemplo da faixa-etária e interesses que o mediador deve ter conhecimento.

Segundo Silva (2002) na Educação Infantil, as crianças que tem até seus três (03) anos de idades vivenciam a fase pré-mágica, e seus interesses, são: por brinquedos, histórias contendo bichinhos, objetos, seres da natureza (humanizados) histórias de crianças. E, as crianças entre três (03) a seis (06)

anos de idade estão na fase mágica, em que os interesses são por histórias de repetições e acumulativas, como Dona Baratinha, a formiguinha e a neve e outras, nesse caso histórias de fadas.

É pertinente essa abordagem da autora, pois, direciona o contador de história na escolha da literatura correta, para atrair o público da educação infantil a quem ele vai contar. Se ele não ter esse conhecimento, pode não envolver os alunos, e não proporcionar estímulos à imaginação, tão inerentes a faixa-etária.

Silva (2002) explicita que para os pré-escolares na fase pré-mágica, aos três anos, as histórias a serem contadas devem conter muito ritmo e repetição, ter um enredo simples, vivo e atraente, situações que sejam identificadas pela criança com sua vida pessoal, afetiva, e do meio social, além dos brinquedos e animais do universo da criança. Nesse sentido, a criança pode interagir com os personagens, pela familiaridade proporcionada pela aproximação com sua realidade e interesse.

Na fase mágica, que acontece aos quatro anos, a imaginação da criança evolui para a fase criadora. Sendo facilmente observado devido a algumas características como quando ela brinca conversando com brinquedos, inventando falas ao telefone, conversa sozinho com amiguinhos invisíveis, inventando nomes, elas crescem em um ritmo próprio.

Para Silva (2002, p. 16) “ Nesta fase, os pequenos solicitam várias vezes a mesma história e a escutam sempre com encanto e interesse. É a fase do, conte de novo, conte outra vez”. Essa magia que a história proporciona ao aluno, deve ser estimulada pelo professor, para que a criança se desenvolva na integralidade de um ser singular, sem romper com o mundo do faz de conta.

Portanto, na mediação da leitura o (a) professor (a) deve levar em conta os estudos referentes à contação de histórias na literatura infantil, que o direciona na sua práxis pedagógica, para que ele se debruce sobre todos os elementos e características da história, e assim possa formar e incentivar o seu leitor.

2.5 INCENTIVO AO LEITOR

Quando falamos de incentivo ao leitor, pensamos nos materiais que o professor, enquanto mediador de leitura, poderia utilizar para incentivar o aluno a se tornar um leitor, pois, desde criança, a criança precisa ser estimulada para essa prática pedagógica fundamental que é a leitura. Livros que tragam gêneros diversificados, como contos, fábulas, poemas, cordel, etc.

O professor deve ter a percepção de que contar e ouvir histórias são fatores de especial importância na inserção da criança no mundo, servindo como mola propulsora para aumentar o seu horizonte e ampliar sua visão sobre o significado social da leitura. (FERREIRA e Motoyama, 2015 p. 50). Podendo ser utilizada pelo docente como ferramenta na sua práxis pedagógica.

Santos (2015) explicita que não existe uma fórmula mágica para se contar história, mas o contador deve estar à vontade naquilo que se propõe a fazer. Deve conhecer a história, seus personagens, de forma a ter familiaridade com todo o enredo. O autor enfatiza também que cada contador desenvolve seu próprio estilo, seja cantando, fazendo rimas ou até mesmo com brincadeiras. Contar histórias, para o autor:

É uma arte da qual todos podem fazer parte. Há quem diga que não é contador de histórias, mas basta lembrar que diariamente se presta a narrar fatos, experiências e “causos” para filhos, alunos, pais, amigos, vizinhos, marido/esposa. Neste sentido, a técnica da simples narrativa torna-se uma das mais praticadas por todos, pois faz uso apenas da voz e do corpo do narrador e, ainda assim, continua sendo brilhante e ligando os seres humano às formas mais genuínas e primitivas de contar histórias. (SANTOS, 2015 p. 45).

Na percepção do autor, todos são contadores, pelas narrativas de acontecimentos no cotidiano das pessoas. Essa forma primitiva, como exposta pelo autor, de repassar informações, é natural do ser humano. Nessa observação percebe-se uma continuidade no trabalho do professor com a contação, ele vai se apropriar das informações da literatura, construir um percurso, através do planejamento, e utilizá-la na aula com uma intencionalidade.

A escola, que é o local onde a criança passa uma boa parte do dia, durante a semana, é o principal espaço onde pode haver incentivo às crianças, por parte da professora. Assim ela estará formando além de um leitor, uma pessoa que já se mostra como um ser crítico-reflexivo. Por isso a mediadora, enquanto contadora de histórias, precisa ir em busca de livros, pesquisar materiais, ou até mesmo lembrar as suas vivências, para que assim, nas suas ações de mediadora de leitura, na construção das suas práticas pedagógicas, possa provocar o interesse da criança pelo livro e pela leitura.

De acordo com o que apresenta Silva (2002, p. 18), “contador de histórias deve escolher seus temas entre o material que encontrar na escola onde ensina na biblioteca de sua cidade, em livros ou revistas de que dispõe e, é claro, nas histórias que ouviu contar e que guardou na memória.”.

Porém, além do papel da escola, também a família, que, em casa tem o seu papel no estímulo à leitura da criança. Com essa união casa/escola, na intenção de favorecer à criança o gosto e a capacidade de ler e de compreender o que lê, a criança se desenvolverá muito melhor, tanto em relação à contação/leitura, como no modo de ser, agir, não só nessas atividades. Pois quando o adulto lê algo para a criança, demonstrando gosto no que faz, incentivando-a a participar cria vínculos afetivos, ajudando na formação de sua identidade, tanto cultural, como social, pois, segundo Cavalcanti (2002), a importância do adulto mediador, da família, na formação do leitor é imensa, visto que os primeiros anos da infância são marcados pelas relações desenvolvidas entre crianças e adultos pertencentes ao mesmo grupo de parentesco. É na família que se vai adquirir os primeiros hábitos e os gostos.

Estimular as crianças a ouvir e a ler, a serem leitores, é imprescindível na Educação Infantil que assim se desenvolvam. Entretanto, é preciso dar-lhes a possibilidade de criarem vínculos afetivos com os livros, deixando-os livres para escolher determinada história, pois na maioria das vezes os adultos guardam os livros. Para mantê-los novos, não permitem que as crianças peguem, livremente os livros. Mas é bom ter a consciência de que a distância do livro não favorece a intimidade da criança com o livro e dificulta o desenvolvimento do desejo de busca pelo livro e pela leitura. Assim como pontua Brandão e Rosa (2011, p. 49):

[...] os livros de literatura devem estar sempre ao alcance das crianças, e não guardados em armários fechados ou na sala de coordenação ou diretoria. Afinal, se queremos que esses livros façam parte da vida das crianças e se tornem seus amigos íntimos, é preciso que essa convivência seja estimulada desde muito cedo.

Ao incentivar as crianças, o professor deve disponibilizar ao aluno histórias que são boas, na sua visão, mas que também sejam interessantes para o aluno. Pois, quando a criança se interessa pelo livro apresentado, a partir disso, ela vai demonstrar mais entusiasmo na hora de ouvir a história. Esse cuidado tem relevância, pois se a história for desinteressante para a criança, a finalidade da proposta da aula se perderá. Ela não vai se interessar pelo que está sendo apresentado e isso pode dificultar para a professora alcançar seus objetivos pedagógicos com aquela atividade, uma vez que a história não estimulou a criança para a produção daquele conhecimento.

Todos na escola devem estar envolvidos na cultura da leitura, a conscientização se dá por via da representatividade dos lugares, das pessoas, de projetos educacionais. Enfim, todos, no espaço educacional formal, podem contribuir para que o aluno desenvolva o interesse pela leitura. Mas, o professor tem em papel relevante, nesse contato da criança com o texto literário, por estar com ela durante a maior parte do tempo, na escola.

Portanto, o professor deve enfatizar em suas aulas através de ações de contação de histórias, dentro de uma continuidade na formação do aluno, a necessidade de ele alargar o conhecimento, pelas informações que as leituras podem proporcionar para o seu desenvolvimento como ser integral. Contribuindo para uma formação ao longo da vida.

3. MEDIAÇÃO DE LEITURA NO INFANTIL IV

As vivências com os livros que favoreceram as leituras/contações de histórias desenvolvidas no Infantil IV (crianças com 4 e 5 anos) ocorreram a partir da minha inserção como aluna bolsista da Residência Pedagógica. Esta, segundo a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) é:

Uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores. Seu objetivo é induzir o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica, a partir da segunda metade de seu curso.

Tal vivência possibilitou-me adquirir conhecimentos sobre a convivência com as crianças em atividades pedagógicas e colocar em prática as teorias que tanto debatemos em sala de aula. Tanto as aulas teóricas quanto as vivências da residência pedagógica contribuíram na construção de minha identidade docente. Com o intuito de relatar as atividades desenvolvidas na Escola-campo, neste capítulo exponho alguns desses momentos, quando foram realizadas muitas trocas de conhecimentos e afetividade com as crianças, que demonstraram que elas têm sempre algo a nos ensinar.

3.1 A ESCOLA-CAMPO: espaço de acolhida das leituras/contações de histórias

A escola campo foi a (EEBAS) da UFPB, situada no campus I, no Conjunto Presidente Castelo Branco III, João Pessoa - PB, 58033-455. Esta atende a crianças na Educação Infantil e alunos no Ensino Fundamental anos iniciais, funcionando nos dois turnos (matutino e vespertino).

O horário de chegada na escola pesquisada, para as crianças da Educação Infantil, no turno da manhã é 07h15 min. e o horário da saída das crianças é 11 horas. No período da tarde, 13h15min. para a chegada e a saída às 17 horas. Para o Ensino Fundamental, o horário estipulado é das

07h15minutos às 11h15 min. e no período da tarde das 13h15min. às 17h 30min.

A Escola de Educação Básica (EEBAS) foi fundada no ano de 1988 em dia 21 de setembro e passou a ser conhecida como Centro de Convivência Infantil (CCI), atendendo às reivindicações da Associação de Funcionários da UFPB e do Diretório Central dos Estudantes. Em 1990, a escola obteve o direito de atuar como Creche, iniciando suas atividades, com vínculo com a Pró-reitoria dos Assuntos Comunitários (PRAC). Em 1993, passou a fazer parte do Centro de Educação da UFPB, como Centro de Convivência Infantil (CECOI). Começou a funcionar como Creche-escola em 1997 pela resolução nº 17/2000 da Consultoria de Estudos Pedagógicos (CONSEPE). A EEBAS comporta em maior número crianças cujos pais ou responsáveis tem algum tipo de vínculo com a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que estão vinculados à instituição como funcionários, estudantes, professores. Além dessas, atende a crianças que moram em comunidades vizinhas ao campus.

Cheguei à escola como bolsista do projeto Residência Pedagógica em julho de 2018. De início, foi feito um rodízio nas turmas da Educação Infantil, pois as professoras estavam em processo de adaptação para receberem os bolsistas. Fiz observações na turma do Infantil III (crianças de 3 anos) e no Ensino Fundamental na turma do 3º ano.

A turma na qual foram desenvolvidas as vivências que neste trabalho serão relatadas é a turma da Educação Infantil IV, no período vespertino. A turma tem o número de treze crianças matriculadas, com a colaboração da professora titular e o professor auxiliar. O Infantil IV recebe crianças na faixa etária de 4 e 5 anos. Nessa turma, uma das crianças tinha síndrome de Down. Aportando o trabalho nessa sala da Escola, preparei-me para envolver aquelas crianças na leitura e contação de histórias. As leituras especializadas, entre outras orientações, como a de Silva (2002), apontavam para o fato de que:

“Aos quatro anos, a criança atinge a fase mágica e sua imaginação torna-se criadora. Isso é facilmente observável quando ela brinca, conversa com os brinquedos, inventa falas ao telefone, conversa sozinha com amiguinhos invisíveis, para quem até inventa nomes. Evidentemente, não há rigidez nessa classificação, pois cada criança cresce com seu ritmo próprio.” (SILVA 2002, p.16).

Sabendo que, nessa faixa etária, a criança já apresenta certo grau de maturidade que lhe permite expressar-se através de várias linguagens, apoiando-se na imaginação, podia planejar atividades de contação de histórias para interagir com as crianças através dos textos, incentivando-as a criarem seus textos e se interessarem a também contar e ler as histórias apresentadas.

A partir das leituras teóricas, baseadas em autores que estudam a literatura infantil e a contação de histórias, e apoiando-me no que determina a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), para Literatura Infantil e Contação de Histórias na Educação Infantil, busquei conhecer a literatura e a contação de histórias presentes na sala de aula e no cotidiano da escolar, com foco na Educação Infantil. E por saber que cada uma daquelas crianças, nas sextas-feiras, leva um livro para casa, para ler com a família, levantei questionamentos, no intuito de conhecer as crianças e saber um pouco do que elas gostam de ler e quais alunos já tinham levado livro, no final de semana, para casa.

O projeto de leitura, que menciono anteriormente, foi idealizado a princípio, pelas professoras da Educação Infantil. As duas tinham a ideia de trabalhar essa leitura diária e estimular as crianças a lerem, com o intuito de incentivá-las a gostar de ler. Esse projeto funciona da seguinte forma: o aluno leva toda sexta-feira um livro, com uma história nova a ser lida em casa e com ele o caderno de registro, que é onde registrado pelos pais ou responsáveis pela criança o que ela mais gostou do livro que leu. Na segunda-feira, elas partilhavam na sala de aula as impressões que o livro lhe causou, como se gostou qual registro que elas fizeram, qual era o nome da história e o autor. Com isso, os alunos iriam poder ler com a família, ter um tempo no final de semana para os pais que trabalham durante a semana e dispensam pouca atenção à criança.

O objetivo desse projeto é incentivar o hábito de ler, envolver a criança na leitura com o intuito de ela demonstrar interesse e atenção na leitura e escuta de histórias e outros textos, diferenciando escrita de ilustrações; ampliação do vocabulário; e capacidade de interpretação. O projeto teve início no mês de Março de 2019, tendo sido abraçado por toda a Educação Infantil, e pelos pais. As professoras colocaram em prática no período da manhã, e da tarde.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), na Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social.

Para promover essas interações através da linguagem narrativa, sugeri a contação da história “A cigarra e a Formiga”, que conta de uma cigarra que passou o verão todo cantando e saltitando, sem se preocupar com o inverno que estava chegando e seu alimento para aquela época fria, enquanto a formiga trabalhava duro o verão todo, para no inverno ter o que comer. Ao final da história, quando o inverno chegou, a cigarra ficou com fome e não tinha nada para comer, enquanto as formigas estavam de barriga cheia. A cigarra, então, foi pedir ajuda na casa das formigas. Estas, para ajudar a cigarra fizeram um trato: ela iria cantar para elas o verão inteiro. A história foi contada com palitoches, e utilizei um teatrinho em forma de televisão confeccionado por mim. Sugeri que, depois da história, eles mesmo recontassem se posicionando atrás daquela mesma ‘televisão’.

As crianças ficaram muito entusiasmadas, e antes que eu começasse a contar, perguntei quem conhecia essa história (uma fábula), e de quem eles mais gostavam: da cigarra? Da formiga? Ou dos dois? Então obtive várias respostas. Uns falaram que a cigarra era mais legal, outros disseram que gostavam dos dois. A maioria delas conhecia a história. Tem os que ficam calados, quietos, mas só de estar ali participando, já é de suma importância. O interessante e encorajador, para mim, foi a fala com entusiasmo, os olhos brilhando, o sorriso no rosto, acompanhado de um “tíaaa eu sei, eu sei!”

Figura 1- Fábula a Cigarra e a Formiga



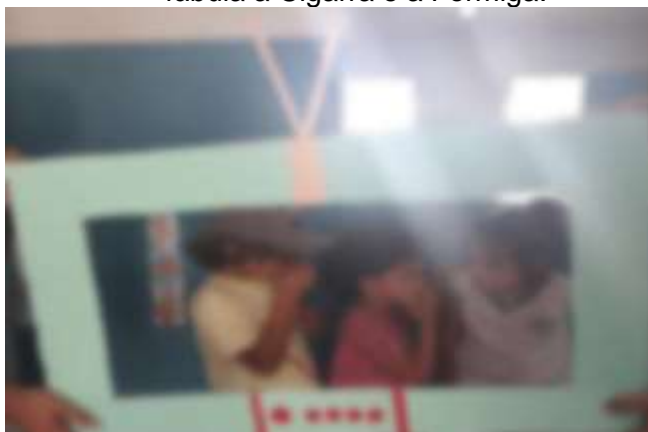
Fonte: <https://www.revistaprosaversoarte.com/11702-2/>

Primeiramente, pedi para que elas se sentassem no tatame, no chão, e me coloquei por trás de uma parede, onde posicionei o teatro em forma de televisão, e comecei a contação, evidenciando as vozes de cada personagem. Elas ficaram atentos, prestando muita atenção, e riam, ao decorrer da história. Ao final, bateram palmas, e eu perguntei o que elas acharam, se foi legal, o que mais gostaram na história e quem iria querer recontar. Disseram que gostaram muito, que a cigarra estava com fome, que gostava porque ela tocava um instrumento, como foi contado na história, gostavam da rainha das formigas, e que queriam sim, recontar. Nesse sentido, as autoras enfatizam que:

Uma conversa bem conduzida após uma história lida ou contada para as crianças cumpre uma função importante, que é exatamente a de engajar os pequenos ouvintes na atividade de construir sentido. (BRANDÃO; ROSA 2011, p.43).

Esse sentido trazido pelos autores é construído a partir da interação dialógica, na qual pela mediação do professor ele possibilita o aluno refletir sobre a história que foi lida, ou contada. Essa aprendizagem faz com que o aluno socialize, pois, essa imersão do aluno na história possibilitou ele alargar todo o conhecimento, recontando a história.

Figura 2- Momento de recontar a história fábula a Cigarra e a Formiga.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Figura 3- Momento de recontar a história fábula a Cigarra e a Formiga



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Então, iam de três em três para trás da televisão, e cada um escolhia o personagem que queria ser naquele momento: um seria a formiga, o outro, a cigarra e o outro, a rainha. No decorrer da contação, me chamou a atenção o fato de as crianças, procurando viver a personagem que estavam representando, mudavam o tom da voz, e realmente incorporavam o personagem. Pulavam, abraçavam, e faziam caras e bocas. Claro, que tem aquelas crianças que não quiseram recontar. Esses, porém, foram uma minoria. Sabemos que, na turma tem os que são mais tímidos, que ficaram mais paradinhos, porém todos participaram de uma forma ou de outra. Teve até discussão porque a maioria queria ser a cigarra, mas, no final, sempre entraram num consenso. Após uma semana, tivemos uma nova experiência: levei para as crianças a história da Chapeuzinho Vermelho.

Figura 4- Capa do livro Chapeuzinho Vermelho



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

A história fala sobre uma garota que usava uma roupa com capuz vermelho, chamada Chapeuzinho Vermelho. A mando de sua mãe, estava indo levar doces para sua avó. Porém, ela deveria ir pela estrada, mas escolheu ir pelo bosque. Lá residia um lobo, que a viu e foi bem mais rápido que ela para a casa da vovó. Chegando lá, comeu a velhinha e vestiu a roupa dela e ficou aguardando a chapeuzinho, até que a menina chegou e ficou perguntando dos olhos, do nariz e da boca, no final ele queria comer a Chapeuzinho, que correu e gritou por socorro. Um caçador que passava pelo local, ouviu os gritos e foi ajudar a menina. Amarrou o lobo e tirou a vovó de dentro da barriga dele.

Figura 5- Momento da contação Chapeuzinho Vermelho



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Nesta contação de história, pedi que as crianças sentassem no chão, e que fizéssemos um círculo, pois iria acontecer ali um momento mágico.

Dirigindo-me às crianças, orientei: iremos contar a história da chapeuzinho vermelho. Indaguei: quem conhece essa história? Vocês gostam mais do lobo ou da vovozinha? E logo ficaram eufóricos falando que conheciam, que gostavam muito. Alguns falaram que gostavam mais da chapeuzinho porque ela levava doces para a vovó. Outro preferia o caçador porque ele ajudou a chapeuzinho e salvou a vovó. Apenas uma criança disse que gostou do lobo, que com cara de bravo disse assim: “eu gosto é do lobo, porque ele é mais legal”.

Nessa contação, utilizei o livro, que foi mostrado e lido para as crianças. Segundo Silva, nessas circunstâncias:

Devemos mostrar o livro para a classe, virando lentamente as páginas com a mão direita, enquanto a esquerda sustenta a parte inferior do livro, aberto de frente para o público. Narrar com o livro não é, propriamente, ler a história. O narrador a conhece, já a estudou e a vai contando com suas próprias palavras, sem titubeios, vacilações ou consultas ao texto, o que prejudicaria a integridade da narrativa” (SILVA 2002, p.33).

Para dar início à leitura da história no livro, mostrei as imagens do livro, falei quem tinha escrito o livro, incentivei as crianças a comentarem as cenas que eu estava mostrando. Após esse momento de falas livres, iniciei a leitura, evidenciando as vozes dos personagens em tons diferentes, gesticulando e fazendo diferentes caras e bocas. Todas atentas à história que estava sendo contada, e na parte em que Chapeuzinho vai para o bosque, uma criança falou baixinho: é agora que ela vai ser teimosa. Todos ficaram na expectativa.

Gostei muito de vivenciar que, enquanto eu ia contando e me expressando, elas também se expressavam, e esperavam pela próxima parte da história. Foi muito gratificante ver o entusiasmo das crianças ao participar da contação, a vontade de saber a continuação da história. É estimulante acreditar que elas tão pequenas, já se interessam pela leitura dos textos literários. Esperamos que, essas ações leitoras possam incentivar essas crianças e que elas sejam continuamente incentivadas a ler e, futuramente, quando crescerem, conservem o gosto pela leitura, pois é a partir da infância que se formam grandes leitores.

As emoções se transmitem pela voz, principal instrumento do narrador. Há vários tipos de vozes: sussurrante, adocicada, suave, cálida,

erçada, espinhenta, metálica, sem vibrações, sem modulações, inertes, sem consistência, inexpressivas, monocórdicas... É a voz que sugere o que aconteceu, ora mais forte, vibrante, intensa, ora mais pausada, suave, num tom mais baixo, que volta a crescer, sem jamais tornar-se estridente, irritante ou de falsete. (SILVA, 2002, p.50-51).

Após a contação, perguntei se eles gostaram da história, qual a parte eles mais gostam, porque será que a chapeuzinho foi pelo bosque, porque o lobo comeu a vovó, e questionei será que ele é bonzinho? Em seguida, falaram que ela foi pelo bosque porque era desobediente com a mamãe dela, que o lobo era malvado por isso comeu a vovó, e afirmou que ele queria também comer a chapeuzinho, a aluna falou da seguinte forma: “Tiaaa, ele (o lobo) queria comer a chapeuzinho também, mas o caçador salvou”.

Logo após nossa conversa, perguntei quem queria vestir a capa com capuz vermelho, para virar a chapeuzinho e recontar a história, e vários disseram que queriam, Algumas vestiram a capa e ficaram com vergonha na hora de recontar, e outras vestiram e contaram, mas bem baixinho. Percebi que estavam meios tímidos para contar, mas o que achei interessante é que mesmo sendo crianças pequenas, elas se comportam muito bem quando a leitura está sendo realizada, ouvindo, participando quando são convidadas a isso. E por mais que tivessem ficado tímidas, elas tentaram, vestiram a roupa, recontaram, mesmo que em tom de voz baixo. Porém é também nesses momentos que a leitura e a contação de histórias estão sendo estimuladas, para que, desde já, essas crianças possam perder a timidez e se mostrarem lendo e contando histórias.

No terceiro dia, apresentei para os alunos, uma fábula chamada A Tartaruga e a Lebre.

Figura 6- Capa do livro A Lebre e a Tartaruga

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

A história fala sobre uma lebre e uma tartaruga, aquela era muito orgulhosa e vaidosa, não cansava de dizer que era a mais veloz e a esta, bem lenta. Certo dia, as duas foram fazer uma corrida, pra ver quem chegava primeiro. A lebre como era muito veloz, acreditava que ia ganhar. Todos os animais se reuniram para assistir à corrida. Após dar a largada, a lebre saiu correndo. Já a tartaruga, andando bem lentamente. No decorrer da corrida, a lebre vê que a tartaruga está bem longe e decide comer umas cenouras que tinha pelo meio do caminho, e logo após, decidiu tirar um cochilo. Nesse tempo em que ela fazia isso, a tartaruga, sem descansar, passou dela, e quando estava a alguns passos para vencer a corrida, a lebre acordou. Procurou a tartaruga e avistou-a quase na linha de chegada. Apressou-se, correu muito, mas não deu tempo. A tartaruga venceu a corrida.

Se a história gira em torno de animais domésticos e começamos diretamente, sem preâmbulos, os ouvintes poderão interromper, dizendo: “Eu também tenho um gato, um cachorro, um passarinho”, o que for. Como sei disso, se vou contar Gato que pulava em sapato, pergunto antes quem tem um gatinho, como se chama, a cor, de que se alimenta, as travessuras. Deixo-os falar à vontade um de cada vez. Ficam felizes de apresentarem seu gatinho de estimação. Nem todos falam. Não importa, escutam. Essa conversa não deve ser longa, só o tempo necessário para que as crianças se predisponham a escutar a história de um gato que não é o deles, mas bem poderia ser. Isso facilita também a identificação e a integração da mensagem (SILVA 2002, p.37).

Solicitei às crianças que sentassem em uma determinada parte da sala de aula, e em seguida iniciei uma conversa, antes da história. Perguntei a elas se conheciam a história da tartaruga e a lebre, e quem elas achavam que andava mais rápido. Deixei que falassem as opiniões delas. Algumas falaram que conheciam, outros disseram que não, que a lebre corre mais rápido e que era ela que ganhava a corrida, outras já disseram que a tartaruga é muito lentinha e por isso ficava pra trás. Logo após, com a ajuda da professora titular e uma aluna da residência pedagógica, uma para ajudar na encenação e outra para narrar, me vesti de lebre, com orelhas e nariz pintado de vermelho, enquanto a outra pessoa seria a tartaruga com o casco feito de TNT marrom. Fiz a linha de chegada, usando duas cadeiras e um pedaço de TNT verde, e dei início à história.

No decorrer da história, a encenação acontecia e as crianças ficavam olhando cada detalhe, com o sorriso no rosto, com bastante concentração. A lebre corria ligeiro, e a tartaruga, bem lenta, fazia despertar no olhar delas o desejo e a vontade de saber como iria acabar aquela história. Percebi que elas acharam muito interessante uma contação de história com personagens fora do livro, no “famoso ao vivo e a cores”. A magia da contação, junto com a encenação, rouba a atenção de crianças que amam correr e brincar, mas que no momento da história amam estar vivenciando a história, assistindo à encenação. Como Pedagoga em formação, achei fantástico.

De acordo com a BNCC, as experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros.

Os clássicos, por mais que sejam antigos, e bem mais conhecidos do que as demais histórias, eles fazem muito sucesso entre a garotada, a maioria eles conhecem e sempre gostam de ouvir, ou até mesmo de contar, digo, pois teve um dia, na brinquedoteca, que uma menina estava brincando com um espelho, e

ela veio me contar a história da branca de neve, dizendo assim: “Tia a senhora é a bruxa, eu sou a Branca de Neve”. Então, eu fiquei fazendo a voz de bruxa, e ela, com a voz bem aguda, imitando a Branca de Neve, no meio de nossa contação, chegaram duas meninas para participar também, e nos divertimos bastante. Elas riam muito, assim como eu também.

Então, considerando a contação de histórias como uma atividade que deve ser realizada de forma lúdica, de acordo o que foi posto, pode-se afirmar, sem sombra de dúvida, que momentos de contação de história estimulam, sim, a criança a novas perspectivas e a novos desafios em outros ambientes, exercitando suas formas de expressar o que foi compreendido da história contada.

Figura 7- Momento contação de história
A Lebre e a Tartaruga



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Finalizada a contação da história, a “lebre” e a “tartaruga” sentaram-se nas cadeiras, onde estava à linha de chegada, de frente para as crianças, e deixando-as à vontade para fazer qualquer pergunta, tirando as dúvidas e questionando o que acharam interessante (ou não). Então, as crianças abraçaram a lebre e a tartaruga. Uma delas pediu pra tocar na orelha da lebre, e

começou a fazer perguntas do tipo: “porque você perdeu a corrida, lebre?” “a tartaruga foi mais rápida por quê?”. E falaram suas opiniões, que gostou porque a tartaruga venceu, porque os animais torciam por ela, que ela ainda tinha que voltar andando tudo de novo para chegar à casa dela.

Todas as perguntas foram respondidas, da seguinte forma: “porque a lebre achou que a tartaruga jamais ganharia dela, então ela foi tirar um cochilo e comer, assim acabou perdendo a corrida”, “a tartaruga foi mais rápida porque ela perseverou, não desistiu e continuou a corrida acreditando nela mesma”. Acrescentei falando que a gente também tem que ser assim: não desistir de algo que queremos muito e acreditar que conseguimos sozinhos ou com a ajuda de alguém.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contação de história na Educação Infantil, utilizando o livro de literatura é algo que se torna afetivamente envolvente, que pode ser considerado mágico tanto para o leitor, quanto para o ouvinte, em cada livro, contação e personagem. Com esta pesquisa, pude adentrar esse mundo da imaginação, ver o quanto a contação pode propiciar momentos ricos em experiências na vida das pessoas. A interação que se estabelece entre os participantes, e em cada um deles faz do momento da contação uma experiência fantástica e surpreendente. Ficou patente durante a pesquisa que a leitura expressiva da história constitui-se como uma oportunidade em que todos os participantes, tanto quem lê quanto quem participa é favorecido com aprendizado, socialização, distração, o que se constitui como evolução pessoal.

Sendo assim, para se realizar um trabalho eficiente no âmbito das linguagens, na Educação Infantil, torna-se algo imprescindível, compreender bem a importância de planejar e manter projetos que incluem leitura e contação de histórias. Essas práticas colaboram no processo de desenvolvimento da criança, pois influenciam favoravelmente no processo de ensino e aprendizagem, proporcionando à criança aprendizagem significativa, também no sentido de adquirir conhecimentos e valores, sendo essa interação decisiva no desenvolvimento sócio educativo dos participantes na ação leitora.

No âmbito escolar, é necessário que a criança seja motivada a adentrar o mundo dos livros, da leitura e da contação. A professora, enquanto mediadora dessas vivências como leitora, exerce seu papel de incentivadora nesse momento importante, fazendo com que a criança exerça a sua condição de ser autônomo, que saiba se expressar em público e socialize seus conhecimentos com os demais colegas. Nesse processo lhe é dada a oportunidade de escolha da história que está contida no livro. Da leitura do conto pode-se avançar para a conversa sobre o que foi lido, deixando as crianças livres para expor a sua opinião e seu gosto, incentivando-as a darem a sua opinião. Nessa atividade oral, está contida a semente do posicionamento crítico apresentado para um grupo. Essa apresentação na roda de conversas se for bem conduzida, pode

gerar a apresentação para outros grupos e até plateias, sem a criança se sentir incapaz de se fazer ouvir.

Sabemos que é de pequeno que se forma um leitor, e por isso damos importância a essa fase. É importante direcionar o trabalho para que a criança demonstre interesse pela leitura, tanto ouvindo ler, quanto querendo ler também. Existem várias maneiras de contar uma história e/ou ler para ela. As variações na entonação da voz, a mímica facial e a postura ao ler a história do leitor são expressões corporais que funcionam como estratégias que ampliam as possibilidades de a professora mediadora para trazer seu público para perto dos seus objetivos de contar/ler uma boa história. Fazer uso de objetos também se abre como possibilidade para ampliar os efeitos cênicos que a história escolhida sugere e a professora mediadora pode incluir no seu planejamento da contação.

Com base na pesquisa realizada e na minha vivência na EEBAS, busquei mediar aprendizagens, fazer acontecer momentos de grande valia, nas contações/leitura de histórias com crianças do Infantil IV. Busquei sugerir livros que viessem a interessar vivamente as crianças participantes. Realizei atividades de leitura, utilizando técnicas diversas. Direcionei o meu trabalho de estagiária, com essa turma, buscando propiciar oportunidades para que elas se sentissem verdadeiramente atraídas pela leitura, iniciando sua trajetória como leitores. Como todo bom mediador, segui o meu objetivo de incentivar na criança o gosto pela leitura.

Esse estudo foi muito enriquecedor para a minha vida pessoal, bem como profissional. Não posso deixar de mencionar a receptividade e o acolhimento das crianças e da professora titular da turma, que favoreceram positivamente o andamento desta pesquisa. Desde o princípio das atividades, estiveram abertas à minha proposta de mediação de leitura literária.

Acredito que participar na leitura e contação de história na Educação Infantil foi uma experiência valiosa, não só para mim, como mediadora, mas para aquelas crianças do Infantil IV, por lhes oferecer, de forma lúdica, oportunidade de participar e interagir em um processo de ensino aprendizagem de leitura literária que lhes favoreceu entrar em contato com diversas formas de expressão da linguagem.

A leitura e a contação de história oferecem múltiplas possibilidades de apoio ao processo ensino aprendizagem das crianças, no ambiente escolar, desde a Educação Infantil, além de ampliar as possibilidades de, conseqüentemente, desenvolver o senso crítico e estético, o gosto pela leitura, como também, estimular a imaginação e ampliar as possibilidades de exercer a sua capacidade criativa, ampliando o vocabulário. Dentre tantas vias que se abrem a partir da vivência leitora constante na vida de uma pessoa, neste caso, os participantes de um projeto de leitura, também merecem registro outros aspectos, como o autoconhecimento, o encontro com o outro, motivado pela arte da palavra e a ampliação da visão de mundo, partindo dos ambientes que a cercam.

Por fim, trazer com uma frequência planejada a contação de história e a leitura para a Educação Infantil IV favoreceu momentos de encantamento em oportunizar às crianças desenvolverem processos de aprendizagem significativo para a sua vida. Porém, é preciso afirmar que, apesar das inúmeras informações valiosas obtidas, o presente estudo não está finalizado, pois sempre há novas fontes e autores a se pesquisar, na busca de um maior aprofundamento e abrangência do tema que encanta, não só as crianças, mas também esta pesquisadora que se tornou, talvez, mais enredada pelas histórias que as crianças participantes neste projeto contação/leitura de livros de literatura.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**: Os gêneros do discurso. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16º. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa. **Ler e Escrever na Educação Infantil**: discutindo práticas pedagógicas. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Versão final. Brasília: MEC, 2017. Disponível em:<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf> Acesso em: 16 de julho de 2019.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura Infantil**. 2ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil**: Dinâmicas e vivências na ação pedagógica. São Paulo: Paulus, 2002.

CAVALCANTI, Joana. **Ler e ser**: Literatura e construção de sentido. Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade do Departamento de Letras. Vol.1. Número 15. Julho a dezembro de 2015. Disponível em:<<file:///C:/Users/Joao/Desktop/mae/Joana%20Cavalcanti%20contar%20hist%C3%B3ria.pdf>> Acesso em 20 de agosto de 2019.

FERREIRA, Simônica Costa; MOTOYAMA, Juliane Francischeti Martins. É só sentar que a história já vai começar tapetes para contar e encantar. In: SOUZA, Renata Junqueira. **A Arte Narrativa na Infância**: Práticas para o teatro da leitura e a contação de histórias. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KOCH, Ingedore Vilhaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.

SANTOS, Izabele Dias. A literatura oral na sala de aula: trabalhando a narração de contos e causos a partir da simples narrativa. In: SOUZA, Renata Junqueira. **A Arte Narrativa na Infância**: Práticas para o teatro da leitura e a contação de histórias. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.

SILVA, Aline Luiza da. **Trajetória da literatura infantil**: Da origem histórica e do conceito mercadológico ao caráter pedagógico na atualidade. Rev. Eletrônica de

graduação Univem. REGRAD. v2. N.2, 2009. Disponível em:<file:///C:/Users/Joao/Desktop/mae/234-1-759-1-10-20100625.pdf> Acesso em 20 de agosto de 2019.

SILVA, Maria Betty Coelho. **Contar Histórias uma arte sem idade**. 10º ed. – São Paulo: Ática, 2002.

SILVA, Valéria Santos. Foi assim que me contaram, foi assim que te contei: diálogos e reflexões sobre a narração de histórias. In: SOUZA, Renata Junqueira. **A Arte Narrativa na Infância**: Práticas para o teatro da leitura e a contação de histórias. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.